

## ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,  
v. 22, ano 2025 | ISSNe: 2675-5432

# Mobilizações e lutas na atuação política dos estudantes da Universidade Estadual do Ceará (1979-1989)

## **Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz**

Historiadora e Especialista em História das Ideias Políticas - UECE,  
Mestre em Educação - UFPI, Doutora em Educação Brasileira -  
UFC. Profa. Colaboradora do PPGHCE-UECE. Profa. Titular aposen-  
tada do IFCE. Realizou Estágio Pós-Doutoral no PPGH-UFBA sob  
supervisão do Prof. Dr. Antônio Maurício Freitas Brito (2021-2022).  
dora.gadelha@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0002-7855-5917>



Recebido em: 20/10/2024  
Aprovado em: 11/12/2024  
Publicado em: 28/03/2025

# Mobilizações e lutas na atuação política dos estudantes da Universidade Estadual do Ceará (1979-1989)

Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo aborda a participação política de estudantes da Universidade Estadual do Ceará (UECE), nos anos finais da ditadura civil-militar no Brasil, e na redemocratização brasileira (1979-1989). Ouviu oito dos ex-ativistas que estiveram à frente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e das correntes políticas *Caminhando*, *Avançando*, *Venceremos* e *Viração*. Examinou documentos produzidos pelo Movimento Estudantil no período. Recorreu aos fundamentos teórico-metodológico da História Oral na escuta desses ex-militantes nos relatos sobre suas mobilizações, lutas e resistências na ditadura militar.

PALAVRAS CHAVES: movimento estudantil; ditadura civil-militar; UECE.

---

<sup>1</sup> Historiadora e Especialista em História das Ideias Políticas - UECE, Mestre em Educação - UFPI, Doutora em Educação Brasileira - UFC. Profa. Colaboradora do PPGHCE-UECE. Profa. Titular aposentada do IFCE. Realizou Estágio Pós-Doutoral no PPGH-UFBA sob supervisão do Prof. Dr. Antônio Maurício Freitas Brito (2021-2022). [dora.gadelha@yahoo.com.br](mailto:dora.gadelha@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-7855-5917>

## **Abstract**

The article discusses the political participation of students from the State University of Ceará (UECE) during the final years of the Civil-Military Dictatorship in Brazil and the country's re-democratization (1979-1989). It includes testimonies from eight former activists who led the Central Directory of Students (DCE) and the political groups Caminhando, Avançando, Venceremos, and Viração. The study examined documents produced by the Student Movement during this period and drew on the theoretical-methodological foundations of Oral History to capture these former militants' accounts of their mobilizations, struggles, and resistance during the military dictatorship.”

**KEYWORDS:** student movement; civil-military dictatorship; UECE.

## **1 Introdução**

O presente artigo discorre sobre a participação política de estudantes ativistas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), nos anos finais do período ditatorial brasileiro. Busca compreender a atuação do Movimento Estudantil (ME), suas principais lutas e mobilizações. Contextualiza os anos finais da década de 1970, com a crise da ditadura civil-militar e a retomada dos Movimentos Sociais no Brasil, dentre eles o ME.

O estudo partiu da necessidade de pesquisar a atuação política de parte das juventudes, no período em destaque, numa universidade estadual de elevada importância na formação de jovens cearenses, a UECE. Sua importância reside, também, na pouca quantidade de trabalhos acadêmicos que tratem da temática, fato esse que foi um incentivo a mais para estudá-la, sobretudo no marco dos 60 anos da deflagração do golpe civil-militar de 1964.

A UECE foi criada em 1975, com a Resolução n.º 2, de 5 de março de 1975, do Conselho Diretor e referendada

pelo Decreto n.º 11.233, de 10 de março do mesmo ano, e sua instalação foi concretizada em 1977, com os seguintes centros: Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Ciências Agrárias. Os cursos foram distribuídos em ambientes físicos distintos, em Fortaleza e em algumas cidades no interior do Ceará (UECE, 2022).

Essa universidade nasceu com um papel fundamental, principalmente, na formação de professores, sendo precursora da interiorização do ensino superior público no Ceará (Leal, 2017). Formava uma rede multicampi de faculdades no interior do estado, com unidades nos municípios de Itapipoca, Quixadá, Limoeiro do Norte, Crateús e Iguatu. As dificuldades geográficas eram tanto institucionais quanto para o ME, que já nascia com a incumbência de ter uma atuação estadual e percorrer tantos *campi*.

Seus anos iniciais foram difíceis, do ponto de vista da sua estruturação, pois apresentava inúmeros problemas: necessidade de concursos públicos, carência de espaços físicos para salas de aula, o que ocasionava o uso de algumas salas inapropriadas para as aulas, iluminação inadequada no *campus* do Itaperi, ainda não concluída. Essa realidade impunha inúmeros desafios e exigia a necessidade de conclusão do seu *campus* em Fortaleza.

Este trabalho estudou a participação estudantil, a partir da formação da Comissão Pró-DCE da UECE, no final dos anos 1970, e da realização do I Encontro dos Estudantes da UECE, em 1983, quando se deflagrou o processo de eleição para a primeira diretoria da entidade, empossada em 01 de julho de 1983. O DCE passaria, então, a dirigir o conjunto das lutas estudantis na UECE. A pesquisa examinou documentos produzidos pela entidade estudantil, ouviu ex-militantes da década de 1980, escolhidos pelos critérios de serem ex-dirigentes do DCE e ex-líderes de tendências políticas que atuavam no período: *Caminhando*, *Avançando/Venceremos* e *Viração*. Tais tendências eram vinculadas a partidos ou outras organizações, algumas, inclusive, clandestinas, presentes no contexto final da ditadura civil-militar e da transição democrática

brasileira, tais como o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Revolucionário Comunista (PRC), Partido da Libertação Proletária (PLP), Coletivo Gregório Bezerra (CGB), Corrente Prestista e Partido dos Trabalhadores (PT).

Para o estudo, foram examinadas fontes documentais, tais como: programas de chapas, teses de congressos, panfletos, jornais e programações de atividades culturais, dentre o conjunto de documentos elaborados pelo movimento no período, disponibilizados no site: Juventudes e Movimento Estudantil: participação política dos estudantes da Universidade Estadual do Ceará (1979-1989) (Cruz; Silva, 2023). Cruz e Peixoto (2007, p. 254) ressaltam que:

Na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. (...) Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.

A pesquisa buscou suporte teórico-metodológico na História Oral para a realização das entrevistas. Nela trilhou-se um caminho para melhor chegar a esses ex-militantes. A História Oral constitui um método de ampliação do conhecimento, como fonte de consulta, e pode “ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas” (Alberti, 1990, p. 04).

Esses atores e testemunhas, a quem se refere Alberti (1990), foram ouvidos. No entanto, a eclosão da pandemia da COVID-19, no início do ano de 2020, impôs mudanças inevitáveis, alterando muitas das pesquisas pelo mundo afora no campo da História Oral (Santhiago; Magalhães, 2020). Assim, para este

estudo, optou-se, então, pela realização de entrevistas *online*.

O artigo está organizado em cinco tópicos. O primeiro compõe esta introdução, que apresenta a temática, a justificativa, os objetivos, o *locus* da pesquisa e a base teórico-metodológica utilizada. O segundo, apresenta o Brasil na retomada dos Movimentos Sociais e do Movimento Estudantil em nível nacional, assim como a construção do ME na UECE. O terceiro tópico traz narrativas desses estudantes, buscando entender melhor suas trajetórias da infância e adolescência, sob uma ditadura militar, e a atuação política na UECE, na década de 1980. O quarto, mostra passagens das ocupações das ruas que desafiavam a repressão e denunciavam as ameaças ao ensino público e à democracia no país. Finaliza-se com a apresentação das considerações, apreendidas a partir da investigação desenvolvida.

## **2 A RETOMADA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS BRASILEIROS E A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA UECE**

A construção do ME na UECE está contextualizada no período da história política do País, correspondente à crise da Ditadura Civil-Militar, da retomada dos movimentos sociais, da redemocratização e da atuação do movimento estudantil nessa década. Nesse contexto, a UECE estava se consolidando, e o DCE sendo criado, portanto, na efervescência da retomada dos Movimentos Sociais no Brasil.

O conjunto dos Movimentos Sociais e o ME empunhavam a bandeira do fim da Ditadura Militar. As intensas manifestações do período delineavam um quadro de “greves, concentrações e protestos que demonstraram o crescimento da organização de diversos setores da sociedade e tiveram papel importante no processo de abertura política do País” (Rodrigues, 1992, p. 5).

A autora citada relata sobre os vários caminhos de luta do período, em defesa do exercício da cidadania, e enfatiza que, diferentemente dos anos de 1970, quando a resistência se realizou quase clandestinamente, nos anos 1980, ela era aberta e estava se adaptando às estruturas institucionais de representação, como os partidos (Rodrigues, 1992). Estava nas ruas, nos sindicatos, nos partidos e demais grupos políticos organizados, nas entidades estudantis que se reorganizavam ou eram criadas.

O enfraquecimento da Ditadura Civil-Militar tomou o País em muitos aspectos e, também, chegou à universidade. De acordo com Motta (2014), essa instituição exercia papel importante na formação de técnicos, profissionais, burocratas e intelectuais e, durante o período autoritário, “o modelo implantado foi elitista e socialmente injusto, como era o tom geral das políticas modernizadoras e desenvolvimentistas da Ditadura” (Motta, 2014, p. 352). No fim do ciclo militar, as universidades brasileiras estavam em crise com a falta de recursos, e os salários eram corroídos pela inflação.

No interior de muitas dessas universidades, ocorria um processo de reconstrução do ME, iniciado em meados da década de 1970, com as eleições para alguns DCEs e a realização de Encontros Nacionais de Estudantes (ENEs). Suas entidades se reestruturavam, buscavam caminhos para uma atuação política num contexto ditatorial e realizavam um percurso marcado por recuos, espera, pequenos avanços, mas que fortaleceu o movimento no retorno à cena pública em 1977, saindo às ruas para protestar (Muller, 2010). Em 1979, na cidade de Salvador, ocorreu o emblemático congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE).

O processo de reconstrução das entidades estudantis seguiu em curso e, em meados da década de 1980, a Ditadura Civil-Militar termina, novos desafios são impostos ou ganham mais força, como as lutas por autonomia universitária, democracia, educação pública e gratuita, dentre outras.

Na UECE, o processo de construção do ME tem início no final dos anos de 1970, com a formação de uma comissão Pró-DCE, a qual objetiva criar a principal entidade representativa dos estudantes. No seu interior, circulavam bandeiras gerais de lutas e a elas se juntavam as reivindicações específicas do ME, como as melhorias físicas da universidade. Tornava-se urgente estruturar o DCE e as demais entidades de base. Em 1983, é realizado o *Encontro dos Estudantes da UECE*, que definiu a data da eleição da diretoria da entidade e ocorreu com a participação de duas chapas e uma “antichapa”; esta última alegou não haver tempo hábil para a realização do pleito eleitoral. Venceu a chapa *Construção* e, em 1º. de julho de 1983, tomou posse a primeira diretoria do DCE. Ao longo da década, foram eleitas as seguintes gestões: *Construção* (1983/1984), *Avançar na Luta* (1984/1985), *Hora de Mudar* (1985/1986), *Tem Que Ser Agora* (1987/1988), *É Preciso Ter Raça* (1988/1989) e a gestão proporcional *Lutar é Preciso/O Tempo Não Pára* (1989/1990). Militantes da *Caminhando*, *Avançando*, *Pastoral Universitária*, *Viração*, *MR8*, *Venceremos* – e sem vinculação com as tendências, os “Independentes” – fizeram parte, em distintos momentos, da diretoria do DCE, sobretudo a *Caminhando*, a qual participou de cinco das seis gestões da década.

Fotografia 1 - Fotografia da primeira diretoria do DCE-UECE publicada no Programa da chapa Construção



Fonte: arquivo da autora.

Muitos universitários atuavam nos Centros Acadêmicos, nos Diretórios Centrais dos Estudantes e nos núcleos e/ou células partidárias. Muitos eram vinculados às organizações de esquerda, as quais estavam presentes no movimento estudantil, e canalizaram a insatisfação de parcela dos estudantes para uma militância política organizada, o que justifica pensar que seria equivocado analisar as lutas estudantis sem considerar a esquerda como um sujeito político importante (Brito, 2008).

Essa vinculação se dava, principalmente, no ingresso nas denominadas Tendências Estudantis – grupos ligados a partidos e organizações políticas (algumas ainda na clandestinidade), que atuavam no contexto dos movimentos secundarista e universitário, além de outros movimentos sociais. De acordo com Santos (2010), a história dessas tendências vem do esforço dos líderes estudantis em manter a agitação política dentro da universidade, em meados dos anos 1970, sobretudo da posição dos militantes das organizações clandestinas. No conjunto das atividades desenvolvidas estavam desde cineclubes, campeonatos esportivos, festas, até a formação de grupos de estudos revolucionários, buscando agregar a massa estudantil dispersa e com medo da repressão e, ao mesmo tempo, incentivá-la na luta contra a Ditadura.

Segundo Della Vechia (2011), as Tendências ajudavam na organização dos estudantes na medida em que comprometiam os indivíduos com o trabalho coletivo, pois possuíam projetos políticos que extrapolavam a universidade e contribuíam para diminuir as ações espontaneístas, sem planejamento prévio; não disputavam apenas questões específicas, mas projetos distintos para a sociedade brasileira (Della Vechia, 2011). *Viração, Unidade, Refazendo, Libelu, Peleia, Trabalho, Avançando, Caminhando* e diversas outras foram Tendências que tiveram um papel fundamental na articulação do Movimento Estudantil. Na década de 1970, em plena repressão política, adotavam denominações distintas, evitando transparecer publicamente as agremiações políticas clandestinas que as representavam (Cassian, 2014).

Na UECE, *Caminhando*, *Avançando*, *Alicerce*, *Viração*, *Unidade*, *Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR8)*, *Jornal Companheiro* e *Venceremos* foram algumas que atuaram, que tinham visibilidade nacional e que estavam presentes, inclusive, em gestões da UNE. Era comum a vinculação desses militantes com as entidades estudantis, fosse o DCE ou os vários Centros Acadêmicos (CAs).

Realizaram mobilizações e estiveram presentes dentro e fora dos muros da UECE, protagonizando essas lutas. No entanto, quem eram eles? O que os motivava? Que compromisso tinham com a educação do País e que sonhos tinham para com o Brasil? Que vivências familiares, sociais e políticas tiveram antes de ingressarem na universidade? Elas contribuíram ou não para o engajamento no movimento estudantil? Essas indagações estiveram presentes no percurso deste estudo, objetivando conhecer melhor esses ex-militantes e estiveram no roteiro das entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2022, com oito dos ex-presidentes do DCE e/ou representantes da *Caminhando*, *Avançando*, *Viração* e *Venceremos*.

Segundo Brito (2017), na bibliografia acadêmica sobre a história da participação política estudantil durante a Ditadura prevalecem estudos sobre o movimento estudantil na cena pública, nos confrontos de rua, incluindo sua luta geral contra a Ditadura Militar. Entretanto, é questionável se há trabalhos sobre os sujeitos que militaram. Quem eram e quem são eles? Foi nesse sentido que buscamos, além das mobilizações na cena pública, conhecer um pouco mais das suas motivações e vivências no ME da UECE.

De acordo com Menegozzo (2016), os anos de 1980, período de atuação desses jovens, aparecem em menor número de publicações. Lacerda (2015) sublinha também o silêncio historiográfico sobre o período, percebido pelas poucas produções acadêmicas dedicadas a esse estudo. A referida autora destaca, ainda, “a importância do movimento estudantil na luta política pelas liberdades democráticas empreendida por movimentos da sociedade civil entre 1974 e 1985, responsáveis pelo alargamento dos

limites da abertura ‘lenta, gradual e segura’ proposta pelos militares” (Lacerda, 2015, p. 14).

Este trabalho estuda parte de uma juventude situada entre os anos de 1979 e 1989; contudo, trata-se de uma juventude militante, engajada politicamente nas suas entidades e/ou em tendências políticas. A pesquisa incluiu a realização de entrevistas que permitem pensar e refletir sobre o período vivido por esses jovens, o da Ditadura Civil-Militar nos sinais de enfraquecimento, desde o final da década de 1970, passando pela sua derrocada, em 1985.

### **3 DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA SOB UMA DITADURA MILITAR À ATUAÇÃO POLÍTICA NA UECE NA DÉCADA DE 1980**

O período em estudo corresponde à chegada, nas universidades, dos jovens nascidos nos anos 1960. Muitos criados sob o silêncio em relação ao regime vigente no País, entre os anos de 1964 e 1985. Possivelmente, com limitadas referências de lutas sociais, movimentos de esquerda, partidos políticos organizados ideologicamente, dentre outras questões. A adolescência vivida já na crise da Ditadura, marcada pela luta pela Anistia, o retorno dos presos políticos ao País e, na universidade, a reconstrução da UNE, Diretórios Centrais e dos Centros Acadêmicos. Viram o Brasil ganhar as ruas em protestos, reivindicações e para exigir a retomada democrática na ampla campanha pelas “Diretas Já!”.

Atualmente, esses ex-ativistas trabalham e moram em várias cidades do Brasil, Fortaleza, Quixadá, São Paulo, Brasília, Leopoldina etc. Por ser uma pesquisa executada em um período pandêmico, com sujeitos em várias partes do País, foi necessário recorrer à tecnologia disponível no momento – o *Google Meet* –, assim, por meio dessa ferramenta, foi possível ouvir esses ex-militantes, os quais trouxeram parte das suas histórias: da infância sob a Ditadura, do período de intensa militância na universidade e dos ideais que permanecem neles.

Suas entrevistas revelam que viveram suas infâncias sob um período autoritário no Brasil. Estudaram, em grande parte, sob a Lei n.º 5.692/71, que retirou o ensino de História e de Geografia do então 1º Grau, de Sociologia e Filosofia do 2º Grau, e introduziu as disciplinas de Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), respectivamente, nos 1º e 2º graus e, a última, no ensino superior. Mesmo assim, até nessas disciplinas, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), nos anos 1970, afirmava que elas eram usadas pelos comunistas para ‘divulgar sua ideologia política’ (Brito, 2020). Esses jovens tiveram muitos dos seus livros didáticos censurados naquele período. Muitos fatos históricos e problemas brasileiros não chegavam às salas de aulas.

Chegaram à UECE carregando traços dessa infância, alguns com referências políticas de familiares ou de conhecidos relacionados a episódios da Ditadura Civil-Militar, outros sem vivências políticas em suas famílias, pois, nos seus lares, o tema sobre política não se fazia presente.

As entrevistas permitiram-nos constatar que já na infância a maioria deles possuía um sentimento de preocupação pela coletividade, pela justiça social, pelo próximo. A maioria devido à formação católica, outros por alguma relativa influência familiar com o mundo da política. Informaram sobre seus sentimentos em relação à pobreza e às desigualdades sociais, que presenciavam e não entendiam por que havia pessoas em condições de tantas dificuldades econômicas.

Motivados por esses sentimentos, mesmo antes de ingressarem na universidade, alguns já tinham experienciado alguma participação político-social. Maria de Lourdes Pequeno<sup>2</sup> informou que, na sua adolescência,

---

<sup>2</sup> PEQUENO, Maria de Lourdes, [Entrevista cedida à autora] São Paulo, 08 abr. 2022. Ex-estudante de Enfermagem, ex-presidente do Centro Acadêmico Ana Neri, vice-presidente do DCE na primeira gestão proporcional (1989/1990) e ex-militante da tendência *Caminhando*. Atualmente é enfermeira aposentada pela Prefeitura de São Paulo.

participou de movimentos liderados pela igreja católica, realizando trabalhos de catequese e formação política. Paralelo aos estudos sobre a Teologia da Libertação, era catequista e “visitava famílias de alunos entrando em contato com as pessoas que tinham doenças graves e que não tinham acesso à saúde pública, o que me tocava muito” (Pequeno, 2022, s. p.).

O contato com problemas sociais e com as preocupações políticas nascentes foram vivenciados, também, por Homero Magalhães Arruda<sup>3</sup>. Segundo ele, o fato de haver estudado em um colégio religioso contribuiu para ir se identificando “com os que questionavam o regime militar que existia em nosso País, com aqueles que tinham uma visão diferenciada e que tinham um amor especial pelo próximo. Sentia a dor do próximo. Foi com esses que eu me identifiquei”, afirmou Arruda (2022, s. p.).

Pedro Ivo de Sousa Batista<sup>4</sup> lembrou que, quando criança, na mercearia do seu pai, era comum tirar doces e distribuir entre as crianças que ele considerava mais necessitadas. Edelberto de Oliveira<sup>5</sup> também trazia uma forte formação cristã; havia feito o 1º Grau em escola católica e o 2º Grau na Escola Técnica Federal, mas, ao ingressar na UECE, já atuava no movimento Pastoral Universitária (PU).

---

<sup>3</sup> ARRUDA, Homero Magalhães, Entrevista cedida à autora. Fortaleza, 13/04/2022. Ex-estudante de Medicina Veterinária, ex-presidente do DCE na gestão *Hora de Mudar* (1985/1986), ex-presidente do CA de Veterinária e ex-militante da tendência *Viração*. Atualmente é funcionário público da UFC.

<sup>4</sup> BATISTA, Pedro Ivo de Sousa, Entrevista cedida à autora. Brasília em 24/05/2022. Ex-estudante de História, primeiro presidente do CA de História e primeiro presidente do DCE na gestão *Construção* (1983/1984), ex-militante da tendência *Caminhando*, atualmente é ambientalista.

<sup>5</sup> Oliveira, José Edelberto Araújo, [Entrevista cedida à autora]. Leopoldina, 13 de abril de 2022. Ex-estudante de Filosofia, participou da primeira diretoria do DCE, gestão *Construção*, e foi presidente na segunda gestão, *Avançar na Luta* (1984-1985). Pertenceu à Pastoral Universitária e à tendência *Caminhando*. Atualmente, é professor universitário em Minas Gerais.

Para esses ex-ativistas, a Ditadura Civil-Militar aparece nas suas memórias de infância de forma abrupta ou nos silêncios familiares, pelo receio de tocar em assuntos não permitidos.

Relembrando o período, Maria de Lourdes Pequeno, filha de mãe professora, relatou que, eventualmente, ouvia algumas coisas referentes ao autoritarismo daquele momento no País. Mesmo não tendo uma compreensão precisa, um fato, em especial, a tinha marcado muito, assim, sobre o impacto daquelas lembranças, fez o seguinte relato:

[...] uma das coisas que mais me marcaram, ainda na infância, e que tem a ver com minha militância no futuro é que uma amiga da minha mãe tinha um irmão que foi preso. Essa amiga pediu para a minha mãe ir, com ela, visitá-lo. Lembro da minha mãe conversando com sua amiga e dizendo como tinha ficado impressionada porque o rapaz não abria a mão. Ele ficava com a mão fechada o tempo inteiro e, a minha mãe, achou aquilo estranho, mas em um dado momento, acho que ele se distraiu e soltou a mão. Elas viram que ele estava sem as unhas. E eu ouvi isso quando eu tinha sete ou oito anos de idade e isso ficou gravado na minha mente. Um irmão da amiga de minha mãe sofreu as torturas da ditadura (Pequeno, 2022, s. p.).

Paulo Jorge de Oliveira Ferreira<sup>6</sup>, presidente do DCE na gestão 1987/1988, relembra que, um dia, na sua infância, presenciou uma perseguição da polícia nas imediações da Universidade Federal do Ceará. Ele residia perto do bairro Benfica, onde se localiza parte da UFC, portanto, circulava na área. Curioso, quis saber o que ocorria com aqueles jovens. O pai desconversou, dizendo que não era assunto para criança. Muito posteriormente, Paulo Jorge, olhando

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira, [Entrevista cedida a autora] Fortaleza 30/05/2022. Ex-estudante de Enfermagem, foi presidente do DCE na gestão *Tem que ser agora* (1987/1988), ex-presidente do C. A. Ana Neri, ex-militante da tendência *Caminhando*. Atualmente é Enfermeiro e professor universitário.

com atenção o fato, e já com estudos sobre aquele período histórico, concluiu que deveria ser mais um dos eventos de prisões estudantis que ocorriam naquela época, pois, possivelmente, aqueles deveriam ser estudantes da UFC.

Wellington Santos da Silva<sup>7</sup>, presidente do DCE na gestão 1988/1889, relembra que, na sua infância, teve pouco contato com as questões políticas, pois seu pai era militar, eleitor da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e temas políticos não eram discutidos em casa. Na adolescência, vindo a residir em Fortaleza, em 1977, saiu um pouco do universo de colegas filhos de militares e tem contato com outros jovens, passou também a ouvir rock, o que, segundo ele, contribuiu para desenvolver um pensamento contestador. Ao ingressar no curso de Bacharelado em Filosofia, na UECE, depois de passar por escolas militares, veio a se organizar na Tendência Estudantil *Juventude Caminhando*, participando do CA de Filosofia e do DCE.

Paulo Jorge de Oliveira Ferreira, antes de ingressar na UECE, com formação católica, relatou que viveu uma rica experiência numa Comunidade Eclesial de Base.

Saí de Fortaleza em 1979 e fui viver numa comunidade católica na Bahia, trabalhando com Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), no meu ramo, que era a saúde. Fui estudar um pouquinho essa questão e me perguntava por que as pessoas não tinham recursos? Não tinham nada. O que nós sabíamos de saúde era o que a gente aprendia de forma leiga e partilhávamos com essas populações. No interior da Bahia nos anos 1979, 1980, 1981, 1982. Nessa época [...] eu conheci o Paulo Freire pessoalmente. Nas reuniões da Diocese ele participava como consultor, para a organização política das equipes. Eu lembro, também, que nessa

---

<sup>7</sup> SILVA, Wellington Santos da, [Entrevista cedida a autora] Fortaleza, 24/04/2022. Ex-estudante de Filosofia, ex-presidente do DCE na gestão *É Preciso Ter Raça* (1988/1889), ex-diretor do CA de Filosofia, ex-militante da tendência *Caminhando*. Atualmente é administrador e aeroportuário aposentado.

época, em 1982, especialmente, colhíamos assinaturas para a formação do PT. Eu contribuí com isso um pouco, eu era muito jovem, dezoito, dezenove anos, mais ou menos (Ferreira, 2022, s. p.).

João Emiliano Fortaleza de Aquino<sup>8</sup> também refletiu que a formação católica acabava despertando nele forte sentimento de inquietação e angústia, mesmo na sua infância. Relembrou a época no interior do Piauí e revelou:

Essa segunda infância eu vivi, assim, na rua mesmo. Era uma cidade pequena. Eu ia para a escola e de tarde, ia para o rio, para o igarapé. Uma coisa me chamava, sempre, muita atenção na infância: a miséria. Bom, eu, um menino de formação católica, muito sensível a essa coisa da miséria e, particularmente, das mulheres negras, as meninas negras, a miséria absoluta, o trabalho doméstico semiescravo... Estou falando disso porque eu acho que teve impacto sentimental, do ponto de vista da minha formação, da minha sensibilidade. E era sempre, sempre, motivo de muita angústia na infância (Aquino, 2022, s. p.).

Assim, essas crianças dos anos 1960 e adolescentes dos anos 1970 chegam à UECE, com o sentimento de que havia uma desigualdade social e que precisava haver uma mudança. Daí para a participação política organizada foi um caminho socialmente construído. Lá, encontram-se entidades sendo formadas e vários grupos políticos atuando.

Esses jovens, em sua maioria, pouco traziam sobre vivências políticas, mas encontraram uma universidade nova, estruturando-se, com muitos problemas de infraestrutura e contemporânea de uma mobilização nacional pela retomada democrática. Aos poucos foram iniciando

---

<sup>8</sup> AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. [Entrevista cedida à autora]. Fortaleza, 14/06/2022. Ex-estudante de Filosofia, ex-presidente do CA de Filosofia, ex-secretário do DCE na gestão *Avançar na Luta* (1984/1985), ex-militante das tendências *Avançando* e *Venceremos*. Atualmente é professor do curso de Filosofia/UECE.

suas atuações nas entidades estudantis e/ou nas correntes políticas e, paulatinamente, se formando líderes.

Na bagagem, portavam algum interesse pelas questões políticas. Pequeno (2022, s. p.), por exemplo, relata que um dia estava numa parada de ônibus, perto de uma banca de revista, e presenciou uma cena em que um rapaz pegava um jornal. Curiosa, verificou que “era um jornal de esquerda. Então, com quatorze anos, eu tive contato com um jornal do PCB”.

Homero Magalhães Arruda explica que desde 1981 já mantinha uma proximidade com o Partido Comunista do Brasil, o PC do B. Assevera que:

tinha como referência do PC do B, a guerrilha do Araguaia, movimento armado, talvez o mais demorado em nosso país, pela reconquista da democracia. Comecei a ver com os olhos de quem visualizava a transformação da sociedade. Foi aí que eu entrei no curso de Veterinária, me tornei o presidente do Centro Acadêmico. Inclusive, derrotando pessoas mais antigas dentro do curso. Entrei e, no primeiro semestre, já houve eleição e já ganhei. Começamos a ter um movimento, que era a Comissão Pró-DCE. No movimento pró-DCE a principal referência que todos tínhamos, inclusive eu, discordando politicamente dele, era o Pedro Ivo. Ele era a referência que tínhamos, era o mais qualificado, na minha forma de entender, o que tinha mais conteúdo, tinha um discurso mais aprimorado. Aí eu tive que ler mais ainda, não é? Para poder debater no campo das ideias, com esses quadros da esquerda (Arruda, 2022, s. p.).

A militância de Arruda vinha do movimento secundarista. Na Escola Técnica, havia participado de um movimento para tomar o Centro Cívico Humberto de Alencar Castelo Branco, que, na época, estava inativo. Seus caminhos de luta ocuparam outros espaços na cidade e encontraram outros ex-militantes estudantis, como ele relembra. Fizeram um movimento em 1979, em uma comissão de estudantes secundaristas, para ocupar a Praça José de Alencar. Ele relata:

Na época era proibido ocupar a praça, mas fizemos um grande movimento. Ali fui tendo contato com algumas pessoas, Sérgio Marques, que hoje é um dos donos da Livraria Lamarca. A Lucinha, que era também da época, o Guimarães, que agora é deputado federal pelo PT. Tinha o Osmar Júnior, que hoje é professor da UFC, e outras pessoas que a gente se articulava, na época, do Movimento Secundarista. Então, já tinha um certo grau de politização no Movimento Secundarista (Arruda, 2022, s. p.).

Pedro Ivo ressalta a influência política do seu tio, uma liderança do “velho MDB” da Paraíba. Identificou como sua primeira participação política a campanha da anticandidatura de Ulisses Guimarães, em 1973. Ele relata:

Engajei-me nessa campanha que tinha a galera do MDB popular no Ceará: a Maria Luiza e o Iranildo Pereira. Eu tive um professor de História que me influenciou. Toda vez que vinha um presidente ditador no Ceará, ele era preso. Os professores passam pela nossa vida e deixam marcas muito importantes, às vezes eles nem sabem que marcaram, não é? Ele me incentivou a ler o Manifesto Comunista, aí eu me apaixonei (Batista, 2022, s. p.).

Assim como Pedro Ivo, João Emiliano também foi impactado pelo Manifesto Comunista e, com a sua leitura, pensou sobre a angústia que sentia ao presenciar a miséria na sua infância.

Sérgio Marques me convidou para uma leitura do Manifesto do Partido Comunista. Íamos para casa dele durante alguns dias das férias de julho de 1980. Deixemos assim dito, porque foi algo muito importante na minha vida, ler o Manifesto do Partido Comunista, aos quatorze anos, orientada a leitura pelo Sérgio Marques. O Juninho, Cleudo Junior, também participou. Foi tão impactante essa leitura, porque era uma explicação para o que eu sentia sobre o que era essa miséria. Eu lia muito assim, do ponto de vista de uma injustiça no meu olhar cristão, de criança, injustiça. Por que isso? (Aquino, 2022, s. p.).

Neusa Helena<sup>9</sup> conta que nasceu no início dos anos 1960, num período de grandes conturbações políticas no País, mas, apesar disso, sua infância foi muito alienada e superprotegida. Ela explica:

Eu venho de uma classe média. Meu pai era bancário e minha mãe professora da rede pública de ensino. Eu sou a terceira de cinco filhas. Então, assim, foi uma infância que começou estudando na escola pública, mas depois foi para escola particular e não tinha nada de uma família politizada que tratava essas questões não, muito pelo contrário. Acho que meus pais não queriam que a gente tivesse nenhum contato com as questões mundanas, mais políticas (Barbosa, 2022, s. p.).

No período em que ingressou na universidade, o Brasil vivia o retorno dos exilados, e com eles a convivência com nomes que viveram os horrores da ditadura civil-militar na pele, o que se tornou algo presente. Neusa narra esse momento da seguinte forma:

E aí a gente começou a descobrir muitas coisas que aconteciam na ditadura, que já se sabia, mas agora convivíamos com essas pessoas que viveram essa experiência. Então, de alguma forma, eles viraram ícones, mestres de um grupo de jovens, muitos jovens que estavam entrando na universidade nesse finalzinho da ditadura. E também conheci Paulo Mamede foi no período de fundação do Partido dos Trabalhadores. O Paulinho fez muitas reuniões com a turma do CA de Serviço Social e a gente começou a ir em busca de assinaturas para criar o Partido dos Trabalhadores. Então, fui uma das primeiras a me filiar, ainda na universidade, era um grupo bem interessante (Barbosa, 2022, s. p.).

Neusa se tornou uma das principais lideranças do movimento estudantil na UECE, participou de três gestões

---

<sup>9</sup> BARBOSA, Neusa Helena Rocha, Entrevista cedida à autora. Brasília 26/07/2022. Ex-estudante de Serviço Social, vice-presidente do DCE na gestão *Avançar na luta* (1984/1985), integrou três gestões do CA *Livre de Serviço Social*, ex-militante da tendência *Caminhando*. Atualmente é Servidora Pública.

do *CA Livre de Serviço Social*, e do DCE, integrou a União das Mulheres Cearenses (UMC) e foi uma importante representante da *Caminhando*, no Ceará. Ela diz que ao chegar à UECE, em 1980, existia um movimento Pró-DCE, não recorda bem os nomes, mas se lembra de Herê Aquino e Rosa Sena, dentre outras que participavam da Comissão. Eram mulheres de falas firmes, determinadas, que usavam roupas de inspiração *hippie*, um mundo novo, e ela também queria participar dele.

Na UECE, tornaram-se ativistas em um País de muitas desigualdades sociais e na efervescência dos movimentos sociais, os quais possibilitavam que atuassem dentro e fora da universidade. Wellington Santos da Silva pontua que

havia uma sintonia entre os movimentos sociais e a universidade. O ME não é isolado, tínhamos as questões específicas, por exemplo, a Reforma Universitária. Trazíamos pessoas para debater a situação da universidade, mas nossa atuação também estava em sintonia com os movimentos: sindical, feminista e de bairros e favelas. Havia toda essa integração entre os movimentos (Silva, 2022, s. p.).

Matos (1998, p. 15) também reafirmou essa sintonia destacando que os líderes do movimento estudantil “apoiavam outros movimentos, participando de suas reuniões, congressos, passeatas, no intuito de fortalecê-los”. Dessa forma, viveram uma década de muita agitação e intensa participação política dentro da UECE, mas, também, fora dela. Viveram a crise da ditadura, o seu fim e o processo de redemocratização do País.

#### **4 OCUPANDO RUAS E PRAÇAS, DESAFIANDO A REPRESSÃO NA DEFESA DO ENSINO PÚBLICO E DA DEMOCRACIA**

Os problemas de infraestrutura da UECE nos seus anos iniciais eram notórios e impulsionavam os estudantes para mobilizações que ocorreram dentro e fora da

universidade. Passeatas, manifestações em praças públicas, ocupações de ruas e até acampamentos fizeram parte das ações do Movimento Estudantil da UECE.

A passeata das velas reivindicava iluminação adequada no *campus* do Itaperi; uma passeata com os vestibulandos denunciava o perigo do pagamento de taxas com a possibilidade de uma privatização; um acampamento improvisado buscava impedir a passagem de uma avenida por dentro do *campus*; a manifestação *A UECE na Praça* reuniu estudantes na praça José de Alencar, no centro da cidade, conclamando a comunidade fortalezense para a defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade; a simbólica queima dos carnês, que denunciava o pagamento de taxas e que tanto preocupava seus estudantes, pois temiam ser um caminho para a implantação do ensino pago, como observado em registros em jornais locais<sup>10</sup>.

Fotografia 2 - Passeata das Velas.



Fonte: arquivo da autora.

<sup>10</sup> Alguns jornais locais traziam matérias, tais como: Queima de carnês. Fonte: *Jornal O Povo* 07/02/1988, p. 07; Tumulto no protesto estudantil, *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 28/08/1987, p. 12; Protesto contra taxa provoca atrito entre estudantes e polícia. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 28/08/1987, p. 12; UECE volta à normalidade com revogação de portaria. Fonte: *Tribuna do Ceará*, 28/08/1987, p. 11. UECE será paralisada amanhã em protesto contra a privatização. Fonte *Jornal O Povo*, Fortaleza, 13/05/1987, p. 09. Essas matérias estão disponibilizadas no site: [www.me1980uece.com.br](http://www.me1980uece.com.br)

Tais mobilizações compunham o conjunto de lutas do movimento estudantil, sobretudo entre os anos 1979-1989, na UECE. No entanto, esses estudantes, contextualizados no período final da ditadura civil-militar, empunhavam também as bandeiras do fim do regime autoritário e da retomada da democracia no País. Algumas delas, inclusive, com situações de tensão com a polícia, como visto na imagem abaixo.

Fotografia 3 - Tumulto no protesto estudantil



Fonte: Diário do Nordeste 28/08/1987, p. 12.

Pedro Ivo informa que fizeram lutas memoráveis e ele pontua que nem todas eram necessariamente no movimento estudantil.

Fizemos uma greve importantíssima, essa greve se dirigiu, principalmente, à luta contra a indicação de um reitor. Fizemos uns cartazes bem legais, onde a gente botava a eleição direta na lata de lixo da história junto com a ditadura, mobilizamos e paramos a universidade e no dia da eleição invadimos o Centro

de Humanidades, então a luta democrática na UECE tem muito a ver conosco. Depois conseguimos fazer a primeira eleição direta para pró-reitor, e vencemos a eleição com o prof. Mourão. Outra luta, muito interessante, porque não se falava muito naquele momento, pelo menos lá no Ceará, em Fortaleza, no movimento estudantil foi a luta ecológica, pois patrocinamos a primeira luta ecológica da UECE, que foi a resistência para não passarem uma avenida por dentro do *Campus* (Barbosa, 2022, s. p.).

Essa luta ecológica que Pedro Ivo se referiu foi contra a abertura de uma estrada, que passaria dentro do *campus*. Edelberto também faz referência a ela e informa que o então reitor, Pe. Luís Moreira, teria feito um acordo em que cedia parte do *campus* para a construção de uma avenida. Lembra que, no seu inflamado discurso, nas manifestações contrárias à construção da avenida, arrancou gargalhadas dos estudantes ao dizer que, só de abelha, estimava-se que teria uns dois milhões no local da avenida, e que o impacto da sua construção seria desastroso, porque iria espantar todas pelo *campus*. “Fomos vitoriosos. Fomos vitoriosos, e eles recuaram porque ele não poderia dividir o *campus* daquela maneira. Eu me lembro do acampamento que fizemos lá” (Oliveira, 2022, s. p.).

Também Homero Arruda lembra o episódio “Tivemos aquela gloriosa ocupação ali atrás da Veterinária, que durou dois meses. Fomos entrevistados pela antiga TV Manchete, e a reportagem se tornou até um assunto nacional. Foi um movimento geral, um movimento muito importante” (Arruda, 2022, s. p.).

Sobre essa relação com a imprensa, talvez na contramão de muitos movimentos, foram inúmeras as vezes em que o DCE fez declarações sobre suas mobilizações e ocupou espaço na imprensa local, tanto em jornais impressos quanto em algumas televisões. Essa pesquisa verificou que só no ano de 1987, o DCE registrou, pelo menos, uma matéria mensal, nos principais jornais, *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Nesse sentido, o uso desses materiais

como fonte se situa nos debates sobre teoria e metodologia acerca da imprensa, enquanto fonte e objeto de pesquisa histórica, na sua evolução no interior da historiografia, a partir da Nova História. O reconhecimento da sua importância pelos historiadores “tem como marco a década de 1970, período em que emergiram novas tendências historiográficas, revolucionando a historiografia para a incorporação de novos problemas, objetos e abordagens e redimensionando o olhar da História para o campo social, cultural e do cotidiano” (Leite, 2015, p. 06).

Paulo Jorge pontua essa relação da imprensa local com o DCE afirmando:

Tínhamos uma voz que era respeitada na imprensa. O Jornal O Povo, abria as portas e íamos lá, eu e você, dizer que era importante fazer a cobertura sobre a questão da cobrança de taxas, por exemplo, considerando que naquele momento sofriamos as tentativas sistemáticas de aumentos, mas também falávamos sobre as questões políticas gerais (Ferreira, 2022, s. p.).

Entre as lutas que mobilizaram estudantes da UECE, a questão de uma possível privatização da universidade estava presente diuturnamente. Wellington Santos considera que a campanha mais forte, senão a mais intensa, de maior relevância e de maior repercussão foi o *SOS UECE, A UECE na Praça*, no sentido de convocar a sociedade para conhecer melhor a universidade e, conseqüentemente, seus problemas e ameaças. Ele informou:

Mobilizamos toda a universidade, todos os cursos, fomos para a Praça José de Alencar para mostrar para população o que é a universidade, qual a sua importância. Cada curso colocou lá uma banca para poder apresentar para a população, informações sobre o curso, sobre a importância da universidade. Tínhamos um palanque, onde houve um ato de falas, em defesa da universidade pública e gratuita, então, ali foi um movimento muito intenso. Fizemos camisetas faixas, realmente foi uma campanha, com adesivos, foi uma campanha muito bonita (Silva, 2022, s. p.).

Lourdes Pequeno também lembrou essa ação como a sua primeira participação em uma manifestação política estudantil. “Foi esse grande movimento com camisetas, panfletagens, a população participando na rua, a gente dizendo: olha está tendo uma ameaça à universidade pública” (Pequeno, 2022, s. p.).

Fotografia 4 - Adesivo usado na campanha SOS UECE



Fonte: arquivo da autora.

No entanto, Lourdes seguiu e ainda participaria de muitas outras atividades e vivências, tanto de impactos locais como nacionais, como a trajetória das Conferências de Saúde, que contribuíram para a construção do Sistema Único de Saúde (SUS). E um episódio local de grande impacto foi o tumultuado protesto contra a visita do líder da União Democrática Ruralista (UDR), Ronaldo Caiado. Não foi uma recepção tranquila, pelo contrário, registrou um dos tantos confrontos do ME com a polícia militar. Lourdes lembra que juntaram moedas para comprar tintas para pintar faixas e ir ao Aeroporto de Fortaleza nesse protesto.

O movimento estudantil da UECE e da UFC, em peso, contra a UDR. Nesse dia foi tanta porrada, olha, eu escapei na Lagoa do Opaia, que era uma lagoa perto do aeroporto de Fortaleza. Entrei na lama junto com outros colegas para não apanhar, mas alguns de nós apanharam (Pequeno, 2022, s. p.).

Edelberto de Oliveira, ex-presidente do DCE (1984-1985), também traz lembranças de manifestações que acabaram em confrontos e pancadaria. Relata sobre como teria escapado de um desses confrontos que ocorreu em frente ao Clube Náutico Cearense, em uma área nobre da cidade de Fortaleza. Era um evento com a presença de Jose Sarney, então candidato a vice-presidente na chapa com Tancredo Neves. Ainda no calor da derrota da Campanha das Diretas Já, Sarney não era bem-vindo por parte dos militantes do ME. No seu relato, Edelberto diz que:

a polícia baixou e foi um negócio terrível, teve gente presa, sangue. Naquele dia eu estava todo pronto, acho que tinha que fazer alguma coisa que exigia que eu estivesse arrumado. Não é que não tocaram em mim? Passaram por mim, e acharam que eu não tinha cara de manifestante. Mas o Marquinho, integrante do DCE, apanhou, e eu me lembro também, daquele rapaz, o Barão, todo quebrado, o olho estava cheio de hematomas. Eu não sei como é que não morreu gente ali, viu? Porque foi uma confusão danada (Oliveira, 2022).

Foram tempos intensos. A presença de estudantes da UECE, promovendo e participando de mobilizações de massa, agitou e somou nas lutas em defesa do ensino público, gratuito e de qualidade, mas também na resistência contra a ditadura civil-militar que caminhava para o seu fim e na redemocratização brasileira que se avizinhava.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No calor final dos anos 1970, na crise na ditadura civil-militar, na retomada dos movimentos sociais e, em particular, do Movimento Estudantil, a UECE nasceu como uma importante universidade estadual. Seus anos iniciais foram difíceis do ponto de vista da sua estruturação e aceleraram, mais ainda, a construção de um movimento estudantil de mobilizações massivas.

Jovens construíram suas pautas e levantaram bandeiras, que iam do direito a um bebedouro num bloco de aula, mudanças curriculares, melhores condições de infraestrutura da universidade, às lutas por autonomia universitária, pela redemocratização do País, ao apoio às lutas dos trabalhadores brasileiros e das várias partes do planeta. Criam o DCE-UECE em 1983, numa década que trazia a particularidade de ter, na sua primeira metade, uma Ditadura Civil-Militar no País e, na segunda, o período de transição democrática.

Essa particularidade interferiu diretamente na forma de atuação do ME. Na primeira fase, mesmo com divergências entre as tendências estudantis, a bandeira pelo fim da Ditadura era um ponto de unidade. A partir do início da transição democrática, há uma ampliação e uma diversificação das bandeiras de lutas. No entanto, as divergências entre os vários projetos de País, de universidade, e, sobretudo, da forma de atuação nas entidades estudantis afloram com mais vigor, contribuindo para as divisões, tão presentes na atuação do movimento estudantil, tanto nas diretorias de entidades como nas suas manifestações públicas.

Na UECE, chegam estudantes nascidos nos anos 1960, em plena ditadura civil-militar. Encontram uma universidade contextualizada na crise da ditadura e no processo seguinte de redemocratização do País. Parte desses jovens aderiu à militância política, nas entidades estudantis e/ou nas tendências políticas.

Era um tempo em que se tornava necessário conciliar frequência nas aulas e atuação política - reuniões, leituras de textos, análises de conjuntura, passagens em salas de aula, produção de cartazes e faixas, colações e pichações em muros, dentre as tantas atividades pertinentes ao período. Muitos militantes eram vinculados às organizações políticas de esquerda. Cumpre destacar que, durante o período aqui pesquisado, não houve registro significativo de atuação organizada de grupos identificados como de direita em entidades estudantis da UECE.

Conclui-se o presente artigo sublinhando que, na escuta atenta desses ex-ativistas, durante as entrevistas, em alguns momentos, testemunhamos suas emoções carregadas de sentimentos sobre um período tão intenso na História do Brasil. No intuito de entender melhor a atuação estudantil na UECE, no período compreendido entre 1979-1989, buscamos registrar parte dessa atuação e deixar contributos para próximos estudos. O trabalho em tela buscou, também, resgatar o papel das lutas de estudantes de uma universidade em formação, de um estado nordestino, o qual dispunha, naquele momento, de um número reduzido de centros universitários. Visitou, portanto, o papel de luta em um espaço pouco explorado da pesquisa histórica sobre o movimento estudantil.

## Referências

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. **O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968)**. 2008. 240f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. Militância estudantil e memórias dos anos 1960. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 94-131, maio/ago. 2017.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 36, n. 72, p. 859-888, set./dez. 2020.

CASSIAN, Renato. Juventude e participação política: considerações sobre a militância estudantil nos anos 1970. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 203-215, jan./jun. 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa, **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007

CRUZ, Maria Auxiliadora Gadelha da; SILVA, Henrique César de Oliveira. **Juventudes e Movimento Estudantil em Fortaleza:** participação política dos estudantes da Universidade Estadual do Ceará entre (1979 e 1989). Fortaleza: UECE, 2023. Disponível em [www.me1980uece.com.br](http://www.me1980uece.com.br) Acesso em: 10 fev. 2024.

DELLA VECHIA, Renato da S. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no período da redemocratização:** as tendências estudantis e seu papel (1977-1985). 2011. 411f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LACERDA, Gislene Edwiges de. **O movimento estudantil e a transição democrática brasileira:** memórias de uma geração esquecida. 2015. 216f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

LEAL, Maria Patrícia Morais. **História e memória da FUNEDUCE e UECE:** entre narrativas e documentos oficiais. 2017. 129f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica **Escritas**, Vol. 7 n.1 (2015) ISSN 2238-7188 p. 3-173, disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1629/8314>, Acesso em 20 dez 2024

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Nas trilhas da experiência:** a memória, a crise e o saber do movimento popular. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

MENEGOZZO, Carlos Henrique. Bibliografia sobre estudantes e políticas sobre estudantes e política no Brasil (1960-2003). **Revista Perseu Abramo**, [S. l.], n. 11, ano 7, 2016. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/100/68>. Acesso em: 20 jul. 2021

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MULLER, Angélica. **A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)**. 2010. 267f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Marly. **Década de 80 – Brasil**: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90. Revista do programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.102266>. Acesso em: 28 jul. 2022

SANTOS, Jordana de Souza. **A atuação das tendências políticas no movimento estudantil da Universidade de São Paulo (USP) no contexto da ditadura militar dos anos 70**. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

UECE. **Histórico**. [S. l.: s. n.]: 2022. Disponível em: <http://www.uece.br/institucional/historico/>. Acesso em: 20 jul. 2022.